

Barcellos-Moderno

Director e proprietario: ARMINDO MIRANDA

ADMINISTRADOR:

Luiz Gomes da Silva Garrido

EDITOR:

Porphyrio Gonçalves dos Santos

BARCELLOS

Red. e adm. Rua D. Antonio Barroso, 99

Comp. e Impr. Typ. "Centro de Novidades,"

BEIJOS

CARICIA meiga e terna, affectuosa e suave em que uma indefinível aspiração se perde n'um mar immenso d'anhe-los e utopias, um beijo é a confissão do amor radioso e impaciente que palpita no nosso coração, a traducção do affecto quente e sublime que vibra na nossa alma, pelo ente caro e divinal, em cujas faces sorridentes, depositamos o nosso osculo puro e illibado.

Nato d'um sentimento nobre e insonte, —supremo fim de dois entes que se adoram sinceramente— é a scintilla brilhante e refulgente que orna esses dois corações d'uma aréola mystica e invisível que os não deixa separar, a cadeia inquebrantavel que une, muitas vezes, dois desejos impacientes, duas vontades anhelantes, n'uma só aspiração, transformando o que parecia um sonho phantastico, n'uma realidade visível.

Na sua forma bella e magestosa, existe sempre uma naturalidade benigna, uma doçura candida, uma poesia magna e simples, que encanta e seduz, todos aquellos que o recebem.

A propria Natureza louçã e garrida, sente-se orgulhosa, quando pela manhã, o sol, levantando-se do seu leito de purpura e brocado, vem triumphante beijar o prado virente cerceado d'arvores lacrimosas, enxugando o pranto das hervas mais rasteiras.

Beijam-se as avesinhas candidas e innocentes, que cantam alegremente nos ramos verdejantes, entoando melodiosos hymnos d'amor e prazer.

Beija a mariposa branca, as flores juvenis e ridentes, que matisando de mil côres variadas os canteiros dos jardins, desabrocham graciosamente, offerecendo toda a sua formosura, e exalando em ondas vaporosas, as suas essencias finas e odoríferas.

Rouba beijos ao seu ente querido, o amante sedento e apaixonado, escravo do olhar que o fascina e seduz, algemado pelo casto sorrir dos labios coralinos da deusa celestina que o encanta e subjuga!

Oh?! Roubar um beijo?!...

Que enlevo, que encantos, encerra esse gesto tão bello e sablime, em que o jubilo e o affecto se consubstanciam!

Que sonhos, que extase de prazer, deixa advinhar esse sonho amoroso, para o qual ha sempre um sorriso de censura que encobre o mais amplo perdão!!...

Os beijos são flores cheias de graça e mimos que nós não nos cançamos de doar, aquelle que idolatramos!

Oh! Ditosa vida?! Embriagadora illusão d'alma?!

Quem me dêra voar, atravessar o espaço rapido como o vento, para beijar todos os instantes e eternamente, a face rosada do meu amor!

Figueira da Foz, 23—11—910.

Bosco.

Contos singelos

I

O ANJO

Agonisava lentamente o outomno.

As aguas crystallinas e puras d'um regato, correndo por entre pedras e arbustos, seguiam a avolumar a cauda d'um rio, que serpenteava em direcção ao Oceano.

Corriam docemente os ultimos dias do mez de novembro.

Uma ventania frigidissima gelava ao cair da tarde, entretanto que as manhãs se apresentavam brumosas caindo por vezes intensos flócos de neve.

* *

Por uma montanha escarpada e pedregosa da minha aldeia, subia lentamente, fatigado, um mendigo magro, quasi esqueletico. Ia sem destino.

Morto de cansaço e de fraqueza, sem ninguem que o soccorresse, o pobre, que era um velho, procurava um logar onde pudesse passar aquella noite.

A certa altura, o accaso fez que se lhe depa-
rasse uma grutasinha. Para lá se dirigiu, a passo vacilante, na doce esperanza de passar a noite ao abrigo da neve que então já começara a fustigar-lhe as faces.

A montanha offercia o aspecto d'um vasto lençol alvissimo.

Accomodou-se como pôde e a breve trecho, tendo uma pedra por travesseiro, adormeceu. E sonhou. Sonhou que um clarão enorme lhe ferira os olhos e que o ceu carregado de nuvens cinzentas se entreabrira de repente para deixar passar um rasto luminoso e doirado envolvendo um anjo, que vestia um manto alvo, tão alvo como a neve que cobria a montanha.

O pobre mendigo, extasiado, ajoelhára trémulo e offegante, emquanto duas grossas lagrimas lhe deslisavam pelas faces, rugosas.

—Porque motivo choras? cíciou a voz meiga do anjo.

—Choro pelo meu infortunio. Vivo ha setenta annos, e nem tenho abrigo onde me acoute, lareira onde me aqueça, amigo piedoso que me cerre os olhos quando eu morrer!

—E tem sido essa a tua existencia de sempre?

—Nunca outra conheci! A minha sorte foi malfadada.

PERFIS FEMININOS

VIII

Esta, que apresento agora
A' universal simpathia,
Fez *exames* algum dia
E é hoje quasi *doutora*.

Condicional creatura—
Tem, dentro d'alma, velada
— Como um sorriso se fada—
Mysteriosa ventura.

E para nós lhe devermos
Verdadeira devoção,
Nos males do coração,
Dá *remédios* aos enfermos.

A fortuna deu-lhe um *noivo*,
Mão de pedra lh'o'roubou;
E *d'além mar* lhe enviou
Uma triste flôr de goivo.

Não teve pressa em casar...
Foi isso que lhe valeu
Para escapar—creio eu—
Ao risco de *enwiuar*

UM ADMIRADOR.

—Não deves desanimar, pobre mortal. Confia na misericórdia divina e espera.

Que queres tu que eu espere, aos 70 annos?

—A paz. A felicidade talvez!

* *

Uma forte ventania abalou a gruta. Elle acordou em sobresalto. Fôra tudo em sonho! A esperanza durára apenas o espaço d'uma hora. Vira em sonhos a felicidade.

Oh! Se elle pudesse dormir e sonhar eternamente! Foi-se ao alforge, tirou um pedaço negro de pão e comeu-o soffregamente! Depois tornou a deitar-se. Cerrou as palpebras.

Adormeceu.

E tão profundamente que nunca mais acordou.

Porto, Novembro de 1910.

Mario d'Almeida Figueiredo

Coisas amorosas...

A ti.

O astro-rei ia occultando-se com os seus raios resplandecentes, luminosos, deixando-nos apenas sobre a terra um calor tepido e uma viração fresca e agradável.

*

Era um domingo.

Tu, bella, summamente bella, altiva e magestosa, germanecias na sacada—a unica da tua habitação.

Ao meu passar, o teu olhar meigo, seductor, confundiu-se com o meu: sorriste.

E eu, embora um pouco melancolico, fiz o mesmo, ao mesmo tempo que o teu formoso semblante enrubescceu.

Não sei porque.

*

Estacionando em um restaurante quasi em frente da tua pequenina casa, observei de relance que me fitavas com attenção e que o teu seio virginal e encantador arquejava.

Tive então compaixão, muita, muitissima, por ver que soffrias!

Não calculas!...

*

Ao ver-te assim, tive tambem o appetite de estreitar o teu busto esculptural, divino, contra o meu e depois oscular ternamente as tuas mimosas faces.

Porém... Como?!...

Estava alli tanta gente... nem apenas um pequeno signal te podia dirigir.

*

Em vista d'isso, esperei com anciedade a noite—noite desejada—que vinha lentamente approximando-se e que em breve me daria o gosto de estar na tua sempre amavel companhia.

Retiraste da sacada e logo o meu po-

bre coração tremeu, bateu e rebateu por ti!...

Impaciente, esperei...

*

No relógio da rua onde demoras, soaram pausadamente dez da noite que se apresentara frigida.

Tu, bella, summamente bella, altiva e magestosa, reapareceste então e, ao chegar às grades da sacada, dirigiste para onde eu estava o teu olhar meigo, seductor.

Ao veres-me ainda à tua espera, todo o teu seio estremeceu.

E, de repente...

Fugiste!

LITTERATURA

Anciedade

Ao J. C.

Senhora de belleza peregrina

Onde é que me levais com vosso olhar?

Um só sorriso vosso me domina

E só porque vos fito cuido amar?

Julgava que uns amor's, em tempos idos,

Me tinham para sempre anniquilado;

E que, de tantos sonhos ver perdidos,

Não poderia amar nem ser amado!

Mas sempre no meu peito—eu vol-o juro—

Senti que para vós não parecia

Aquelle terno amor; sincero e puro,

E que minh' alma á vossa ora confia!

E já que d'incertezas vou vivendo,

Senhora, desfazei-as; muito embora

Desillusões me tragam que, soffrendo,

Um sonho mais desfaçam, como outr'ora!

Enigmático.

Ingrata ! Perfida !
Que me deixaste sosinho, triste, á es-
pera e, por fim, a chuchar... no dedo!...

*

Recolhi a casa a tiritar, e muito triste.
Apezar da partida que me pregaste o
meu pobre coração, ao deitar-me, tremeu,
bateu e rebateu por ti!...

Sustentava-o ainda uma tenue esperan-
ça que, no dia seguinte, desapareceu por
completo e para sempre!...

Barcellos, 25-XI-910,

Ernesto Fausto.

Recebemos

O Radical. Semanario extra-partidario, de or-
thographia simplificada e de uma fórma radical-
mente moderna, é, sem objecção, um dos mais
bem redigidos hébdomadários que se publicam
nesta villa.

Tem como director, administrador e editor,
respectivamente, os nossos conspicuos amigos
Snrs. Antonio Balthazar, Luiz Fonseca e Anthe-
ro Correia dos Santos.

Appetecemos ao novel confrade uma lata vida
e essa repleta de mil venturas.

Folha do Sul. Inquérito á vida colonial arte e
noticias. Publica-se em Novo Redondo, Angola,
sob a a direcção dos Snrs. Ernesto de Amorim e
Tello Pinto.

Patria Livre. Orgão semanal do partido repu-
blicano do visinho concelho de Espozende. E'
seu director o distincto chefe d'aquelle partido, sr.
Dr. João C. da Fonseca Lima.

Agradecemos.

SECÇÃO RECREATIVA

Soluções do n.º 8

Charada auxiliar — Lodovina Faria.

Logogripho — Manoel Baptista de Lima Tor-
res.

Paciencia feminina — Anna Pereira de Souza.

Decifradores: — J. C. L., Marilio, Conquista-
dor, Cidadão e Dois panotilheiros.

Não te humilhes...

Coração, deixa d'amar
A vil que te despresou,
A cruel que renegou
Teu affecto e puro amor;
Deixa essa malfadada,
Que inda um dia castigada
Será por Deus vingador.
Deixa-a ir meigo sorrir
Offerecer a outro amante;
Deixa ir, pois inconstante
Ha-le ser inda outra vez;
E então soffrerá torturas,
Mil tormentos e arnarguras,
Em paga do que te fez.

Algun tempo um riso seu
Com transporte desejava;
Um riso seu alcançaste,
Deste-lhe amor e paixão,
Julgaste ser então querido,
Mas alfim foste trahido ..
Roubaste o seu coração!...

Deixa-a, que tempo virá
De tu seres bem vingado;
Quem depressa é desprezado
E ella isto soffrerá!!..
Deixa-a! ao ver-se trahida,
Ludibriada, offendida,
Seu repudio chorará.

Não te humilhes, coração!...
Procurar vai outra amada,
Que não seja costumada
A amantes repudiar;
Não te cegue a formosura,
Busca a bondade, a candura,
Que só ella sabe amar.

Porto

J. P. de C